

MANUSCRITO: *CONTOS*  
TÍTULO: *DAVID SALMO 143*  
TOTAL DE PÁGINAS: *007*  
DATA: *01/01/1970*

---

DAVID, SALMO 143

---

*Janiero 1970*

O disco já acabou, mas não tenho mais forças para desligar a vitrola. O efeito das pílulas. Asfixia.

Lentamente a visão soma tudo numa única totalidade nebulosa. Minhas mãos estão erispadas, tentando agarrar um último boeado de ar, um minuto mais de vida, um minuto mais. Dois vidros de barbitúricos não foram suficientes para uma morte tranquila, estou desperto, terrivelmente desperto como um atropelado no momento do baque, desperto e suficiente para sentir a Morte comendo-me a entranhas, roubando-me tudo lenta e dolorosamente, repetindo a sensação da asma que não me deixava dormir quando criança.

- Calma, meu filho, isto passa...

Um vulto no meio do quarto.

- Mãe...estou morrendo, mãe...

D. Lygia tinha as mãos calosas, e as que me tocam são leves e bem cuidadas. Aos poucos sou separado de meu corpo, a respiração já não existe, nenhuma dor me possui. Ao contrário, sinto-me súbitamente inebriado pela sensação de vôo.

Estou morto.

O vulto está boiando no ar colorido do Nada. Tenho medo de aproximar-me, não sei se é Deus ou o Diabo. Perdeu completamente sua forma humana e agora envolve tudo, misturando-se com as paredes do quarto, preenchendo o espaço vazio entre duas folhas de um livro fechado. A visão organizada das coisas vai aos poucos sendo substituída por uma sensação até então desconhecida, de unidade entre todos os sentidos, de harmonia entre a



matéria e o espaço vazio.

Um menino. Gravata borboleta e bem cuidado torno amarelo. Caminha e chora, apavorado. Aos péues as coisas vão ganhando forma à sua volta, e as lágrimas desaparecem paulatinamente, até que o cenário se dotém numa tarde ensolarada. Laranjas pelo chão, mosquitos em quantidade. O menino olha em volta mas tudo em volta sou eu num fluido infinito e em constante movimento. Penetro em tudo, a semelhança do vulto que surgiu no momento da morte, mas o menino não me vê, e despreocupadamente continua comendo suas laranjas. Rápidamente reconheço-me naquela figura pequenina e indiferente a tudo. Sim, lembro-me bem daquela tarde.

Fei de repente. Eu estava sentado, alheio a tudo, preocupado exclusivamente com a dificuldade quase insuperável de deseasar as frutas. E por estar, talvez, com os olhos muito fixos num só ponto, as coisas começaram a vibrar estranhamente. A laranja na minha mão ganhou vida, ou diria que ela poderia safar-se sózinha do golpe implacável da faca, transformando-se em semente, em brôto, em árvore, num ciclo inextinguível. Eu era muito pequeno para compreender determinadas coisas, e ao invés disto deixei a Fantasia totalmente solta naquela tarde - por tradição ensolarada - sendo prêso imediatamente a uma sensação, bastante desagradável, de tonteira. E me agarrei com tôdas as fôrças à árvore mais próxima, sem perceber que eu estava perdendo minha primeira oportunidade, que era assim que Deus se manifestava, na harmonia total e violenta de tôdas as coisas. Ali estava êle, ao alcance de minha mão, e eu



e eu não o encontrei porque não o estava procurando, não sabia que mais tarde Ele me seria neuróticamente indispensável, mas aí já de nada adiantariam minhas preces, eu o tivera ao alcance da mão e Ele havia conseguido escapar.

A imagem se dissipa e temo contacto íntimo com a Morte. Novamente sou o flúido sem fim, espalhando-se por tudo na esperança que - depois de morte - Deus possa sentir minha presença, e talvez, por um acaso qualquer...

Mas o Nada colorido em que me encontrei por alguns segundos novamente ganha forma, e desta vez não se resume apenas em um menino com laranjas, mas são mil faces, mil faces minhas que aparecem ao mesmo tempo, entrelaçando-se com uma perfeição que eu nunca esperei de minha vida

"Atende Senhor, dá ouvido à minha oração,  
responde minhas preces, Pai dos Céus!"

e ali está a Igreja que me magnetizava tanto, e surgia toda manhã no horizonte de minha janela, dizendo que era hora de rezar, e mundo estava se perdendo eu-eu-eu necessitava ser salvo para encontrar uma justificativa, uma simples e humilde justificativa para o caos da destruição

"Responde minhas preces Pais dos Céus!

Eu vos peço, não me julgues,  
porque perto de ti nenhum homem é justo.

Pois o inimigo tem destruído minha alma..."

a fim de que eu pudesse continuar vivendo, porque eram tantas as coisas que aconteciam que eu não sabia onde me agarrar, já não tinha a árvore, já não tinha meus pais, e a porta do seminário estava aberta, lá dentro não havia, eu podia entrar se quisesse

"... tem jogado por terra minha vida,

tem me feito morar na escuridão.



A ti levante minha vez..."

mas eu estava fugindo, e não seria ali dentro que as explicações surgiriam. Sei que agi errado, mas eu necessitava de explicações, eu precisava ser extremamente lúcido até no sono, porque as coisas faziam parte de mim e eu não sabia como modificá-las. Assim veio a ordenação, a Primeira missa, os anos ocultos pelas pesadas portas do mosteiro, e saís de perto que diante da minha janela formulava convites, sórdidas propostas de liberdade e amor

"...minha alma anseia por ti

como terra sedenta."

mas eu não queria ser livre, eu não queria amar, tudo que eu desejava era vê-lo por um único instante. Noites e noites fiquei sentado em minha pequenina cela, secando o chão frio, pedindo apenas mais uma oportunidade, odiando a criança que havia sido

"Eu vos peço, me ajudais agora

mostra-me o caminho por onde deve andar..."

sem compreender que ali estava meu crime, eu não devia odiar o menino que colhia laranjas, mas tornar a colhe-las, se possível

"e por tua misericórdia, dá cabo de meus inimigos destrói os que me atormentam a alma."

e por isso numa tarde como qualquer outra eu cruzei aquelas portas, caminhando em direção ao passado, sem compreender que tudo já estava perdido, irremediavelmente perdido.

"Senhor, eu sou teu servo!"



Novamente o magna pastoso. As visões desapareceram como se tocadas por mãos misteriosas. Sinto-me gigantesco e vazio, expandindo-me em direção às estrêlas com velocidade incalculável. A memória foi trocada por uma onisciência que não estou ainda acostumado a usar. Mas aos poucos, nas trevas inexpressivas algo foi aparecendo...

Foi numa época em que a vida já estava começando a pesar demais. Eu estava tão embriagado que só tive tempo de abrir a porta e atirar-me no chão, desmaiando por várias horas.

Quando abri os olhos, algo havia mudado. O tapete onde me encontrava deitado começou a vibrar, e meu coração bateu aceleradamente. Desta vez eu não fugiria de tudo, desta vez eu poderia encontra-Lo. O estômago latejando pelos efeitos do álcool, a boca com gosto de vômito, mas nada importava, Deus estava desceendo para se transformar nas coisas que me cercavam, Deus era colorido e puro como o entardecer, eu senti que seríamos grandes amigos. Finalmente a hora havia soado, e para isto eu tive que atravessar muita ponte se desmoronando, muita floresta cheia de perigo, muitos oceanos de dor. Nada disto importava, porém, porque Ele estava ali, perto de mim, eu podia sentir Seu gosto e Seu toque. Naquele momento eu experimentei o sabor de Deus e chorei um pouco, porque quando Ele está perto faz as pessoas tristes de se saborem sempre tão longe de Sua presença. E Deus me disse que era a integração do Ser com a Realidade, assim como dois corpos numa cama. E Deus me disse muita coisa que não posso contar, frisando sempre que tivesse muito cuidado, que não me deixasse perseguir pelo passado, que meu desespero era tolo porque de qualquer forma eu chegaria até Ele, que é a Única Opção, independente de qualquer credo ou ideologia, independente de muita ou pouca fé. Por isso foram



inúteis tantas guerras e tantos sacrifícios, por isso foram inúteis outros caminhos, atalhos tortuosos que só conduziam a outra parte da estrada principal - um pouco mais adiante, é verdade, porém de uma forma perigosa e difícil.

Deus foi embora quando as lágrimas não escorriam mais, porém eu ainda estava com uma vontade gigantesca de chorar, mas não foi possível. Eu me tranquei no banheiro e deixei que a água correndo chorasse por mim, triste por meu lirismo bem-educado, pelas palavras certas nas horas exatas, pelo excesso de medo. Tinha sido minha última chance, e eu me comportara bem demais, eu não rangera meus dentes por ódio ou amor, e Ele pensou então que eu não O necessitasse tanto assim.

E por isso o Último Dia bateu suas horas, eu peguei o carro e parti, mais uma volta por esta cidade, mais um trago no bar de sempre, um beijo que não poderia ser adiado de forma alguma. Dirigia devagar, tomando o máximo de cuidado com os fantasmas soltos pelo meu caminho, penetrando com ternura pelo labirinto de consciências. Pouco a pouco o carro foi se libertando de meu controle e começou a correr, correu em direção à rua onde eu morara quando criança, eu pude ver sem ter vontade as laranjeiras cortadas, o asfalto negro e milimetricamente exato cobrindo o pátio. Pude ver meu hábito no cabide perto da janela, pronto a desfazer-se no primeiro toque. Percebi claramente que havia sobrado muito pouca coisa para o tempo enorme de vida que eu depositara ali.

Era dia de ano-novo e a praia estava qualhada de festeiros. Eu me aproximei de um deles. De seus olhos escapavam chamas. Os homens, solitários na própria presa coletiva, estendiam-se pelo chão, pedindo um pedacinho de Deus - assim como eu o fizera durante toda a minha vida.

Aos poucos tudo foi se aquietando. O mundo acordara

por instantes, deu um violento espreguiço e aos poucos a nodorra foi cobrindo-o novamente.

Eu fiquei sentado na areia. Apenas sentado na areia. Por isso mesmo senti que era chegado o momento. O Último Dia demorou ainda alguns anos, ventos cobriram e descobriram meu corpo, as pessoas me olhavam de longe com pavor nos olhos. Falavam em aviões supersônicos, na conquista de Marte, no botão prestes a ser apertado.

Mas eu estava sentado na areia. E só me levantei para ir até à farmácia, e daí para o quarto, o bolso pesando um pouco com a Morte, mas já não podia voltar atrás.

Daí em diante, tudo foi muito rápido.